

COLEÇÃO  
CLÁSSICOS ROMANOS


SÉRIE  
BUCÓLICAS DE VIRGÍLIO

EDIÇÃO BILÍNGUE

# IV BUCÓLICA DE VIRGÍLIO



MÁRCIO LUIZ MOITINHA RIBEIRO  
(ORG.)

 Pedro & João  
editores

# IV BUCÓLICA DE VIRGÍLIO

EDIÇÃO BILÍNGUE



**Pedro & João**  
editores

ORGANIZADORES DA OBRA PUBLICADA:

Prof. Dr Amós Coêlho da Silva (UERJ/ABRAFIL)  
Prof. Dra. Carlinda Fragale Pate Nuñez (UERJ)  
Prof. Dr. Francisco de Assis Florêncio (UERJ/ABRAFIL)  
Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho (USP)  
Prof. Dr. José Mario Botelho (FFP-UERJ)  
Prof. Dr. Leonardo Ferreira Kaltner (ABRAFIL/ UFF)  
Prof. Dr. Luiz Fernando Dias Pita (UERJ/ABRAFIL/AdE)  
Prof. Dra. Marcia Regina de Faria da Silva (UERJ/ABRAFIL)  
Prof. Dr. Marcio Luiz Moitinha Ribeiro (UERJ/ABRAFIL/FFP-UERJ)  
Prof. Dr. Pedro Ivo Zaccur Leal (UERJ/ABRAFIL)  
Prof. Dr. Pedro Paulo A. Funari (UNICAMP)

TRADUTORES:

Amós Coêlho da Silva  
Daniel Andrade Alves  
Fernanda Vieira da Rocha Silveira  
Francisco de Assis Florêncio  
Gabriel Accioly Lins dos Santos  
Higor Monteiro Paiva  
Ivan Miranda Frias  
José Mario Botelho  
José Rodrigues Seabra Filho  
Leonardo Ferreira Kaltner  
Luiz Fernando Dias Pita  
Marcia Regina de Faria da Silva  
Márcio Luiz Moitinha Ribeiro  
Marcos André Menezes dos Santos  
Marco Antonio Abrantes de Barros Godoi  
Melyssa Cardozo Silva dos Santos  
Paulo Fernando Moreira Pinheiro  
Pedro Ivo Zaccur Leal  
Pedro Paulo A. Funari  
Tobias Vilhena de Moraes  
Vinicius Maciel de Oliveira  
Walter Pavam Castelo Branco Junior

## **IV Bucólica de Virgílio (Edição Bilíngue)**

Edição revista e atualizada pelos professores: Francisco Florêncio de Assis,  
Fernanda Vieira da Rocha Silveira e Vinicius Maciel de Oliveira

Márcio Luiz Moitinha Ribeiro  
(Org.)

# **IV BUCÓLICA DE VIRGÍLIO**

EDIÇÃO BILÍNGUE

## Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

---

**Amós Coêlho da Silva, Carlinda Fragale Pate Nuñez, Francisco de Assis Florêncio, José Rodrigues Seabra Filho, José Mario Botelho, Leonardo Ferreira Kaltner, Luiz Fernando Dias Pita, Marcia Regina de Faria da Silva, Marcio Luiz Moitinha Ribeiro, Pedro Ivo Zaccur Leal, Pedro Paulo A. Funari [Orgs.]**

**Literatura Latina (Coleção: Clássicos Romanos). Série: Bucólicas de Virgílio - Edição Bilingue: IV Bucólica de Virgílio.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 36p. 21 x 29,7 cm.

**ISBN: 978-65-265-0937-1 [Impresso]**

**978-65-265-0938-8 [Digital]**

1. Quarta Bucólica. 2. Virgílio. 3. Estilística latina. 4. Bucolismo. I. IV Bucólica de Virgílio.

CDD – 410

---

**Projeto gráfico e capa:** Bárbara Gouvêa da Rocha - [graficabrartes@gmail.com](mailto:graficabrartes@gmail.com)

**Ilustração da página 14:** Pedro Patreniere - [pedro.h01@hotmail.com](mailto:pedro.h01@hotmail.com)

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

**Tradução:** Amós Coêlho da Silva, Daniel Andrade Alves, Fernanda Vieira da Rocha Silveira, Francisco de Assis Florêncio, Gabriel Accioly Lins do Santos, Higor Monteiro Paiva, Ivan Miranda Frias, José Mario Botelho, José Rodrigues Seabra Filho, Leonardo Ferreira Kaltner, Luiz Fernando Dias Pita, Marcia Regina de Faria da Silva, Marcio Luiz Moitinha Ribeiro, Marcos André Menezes dos Santos, Marco Antonio Abrantes de Barros Godoi, Melyssa Cardozo Silva dos Santos, Paulo Fernando Moreira Pinheiro, Pedro Ivo Zaccur Leal, Pedro Paulo A. Funari, Tobias Vilhena de Moraes, Vinicius Maciel de Oliveira, Walter Pavam Castelo Branco Junior.

**Revisão:** Fernanda Vieira da Rocha Silveira, Francisco Florêncio de Assis e Vinicius Maciel de Oliveira.

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito.

### **Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2023

# DEDICATÓRIA

A Flora Simonetti, saudosa e brilhante docente de Latim do Mosteiro de São Bento, da UERJ e da Universidade Santa Úrsula, que nos transmitiu, ao longo dos anos, toda a paixão pelo Latim e metodologia **Floriana**, que **Aflora**, até hoje, em sala de aula.

Márcio Luiz Moitinha Ribeiro





## SUMÁRIO

1. Prefácio do prof. Dr. Leonardo Ferreira Kaltner (UFF) .....	09
2. Apresentação da profa. Doutoranda. Melyssa Cardozo Silva dos Santos .....	11
3. <i>Bucólica</i> IV .....	13
4. Referências Bibliográficas .....	29
5. Sobre os autores .....	31





## PREFÁCIO

### Virgílio e a Idade de Ouro: um mito que sempre se renova

Leonardo Ferreira Kaltner (UFF/ABRAFIL)

A *Bucólica IV*, ou a quarta *Écloga*, é um dos poemas mais singulares de Virgílio, o imortal poeta mantuano, ícone da fundação do *Imperium* da antiga Roma. A Filologia data o poema em cerca de 40 a.C., pelo fato de contextualizar a redação e a circulação da obra com o consulado de Gaio Asínio Polião, um *consul* da antiga República romana.

O poema bucólico, que se passa em um contexto da vida campesina de Roma, entre uma comunidade de humildes pastores é a anunciação de um nascimento que mudará o destino de todos os homens, de um menino, que será um salvador, que na idade adulta, elevado à divindade governará o mundo, trazendo todos os seres humanos à *Aurea aetas*. Os primeiros cristãos, em sua época, viram na poesia virgiliana uma percepção espiritual do nascimento de Cristo. Outros intérpretes mais modernos vinculam o nascimento a um possível filho de Polião, a esperada descendência de Marco Antônio e de Otávia, todavia, como a linguagem poética é ambígua e simbólica, há margens para especulações até os dias de hoje.

Saber exatamente quem é a criança citada por Virgílio obviamente não é a questão de maior interesse na leitura do poema, mas antes é a descrição das consequências do que essa criança trará para a humanidade: a Idade de Ouro. A obra de Virgílio marca a Idade de Ouro da poesia latina. O poema de 63 versos, que é o menos extenso da coleção das *Bucólicas* é inspirado pelas Musas. Parece um primeiro ensaio de Virgílio para escrever seu grande épico, quando relaciona sua obra às musas, no caso as musas da Sicília, de Teócrito, as *Sicelides Musae*. O tom hesitante do início do poema, sua apologia, ou desculpa inicial, remete-se à humildade do poeta, perante o círculo aristocrático que seria seu públi-

co leitor. A poesia chegava ao poder: “*paulo maiora canamus*” (cantemos coisas um pouco maiores). Virgílio projetava e se projetava como o poeta do grande império de Roma.

Os temas pastoris das outras écloas cediam lugar à ordem natural que se vinculava à ordem política de Roma, o antigo conceito grego de *cosmos*, uma nova *cosmogonia*, em que os romanos ocupavam a centralidade em uma nova Idade de Ouro. O antigo Hesíodo é retomado para uma nova dinastia surgente, uma dinastia predestinada de romanos que se tornariam senhores do mundo antigo e do Ocidente. A visão cosmológica que vincula um novo nascimento em Roma a uma Era de Ouro afasta Virgílio da leitura de cristãos como Constantino, Agostinho entre tantos outros, todavia, serve-nos para demonstrar como era possível uma restauração da humanidade pela expansão romana.

A Sibila de Cumas, a profetiza do sul da Itália, era a responsável pela confirmação dessa nova ordem cósmica, sua profecia sobre o *magnus ordo saeculorum* (a grande ordem dos séculos) apresentava o novo estado de coisas que emergia da antiga Roma, uma ordem temporal que duraria por muitos séculos, para além da vida daqueles que o testemunhavam. As idades e as eras do ser humano de Hesíodo são retomadas por Virgílio, com o reinado de Saturno, em um *magnus annus*, uma grande estação, com conotações platônicas e uma percepção messiânica. Esse era um tempo aguardado por muitos, um tempo de libertação.

A presença divina, conforme o Panteão do Olimpo grego, se faz notar: é Apolo que reina (*tuus iam regnat Apollo*), conforme será o principado de *Augustus*, em período posterior, à época da dinastia júlio-claudiana. Virgílio estaria antecipando esse grande momento da história da Roma antiga? A dúvida permanecerá para sempre conosco.

O poema, por fim, traz-nos uma mensagem simbólica de paz duradoura e compreensão mútua entre os seres humanos. Uma Idade de Ouro real e possível, um mundo sem fome e sem guerras, um mundo idealizado e utópico, mas ao mesmo tempo um projeto humano que pode ser pensado e sonhado até que se concretize. Virgílio mais do que a crença na mitologia, cantou a crença e a esperança no ser humano.

# APRESENTAÇÃO

## As Bucólicas de Virgílio e o nosso tempo

Melyssa Cardozo Silva dos Santos (UFF/CAPES)

A poesia clássica é atemporal. Passam-se as gerações, mudam-se os contextos históricos e sociais, surgem inovações tecnológicas e científicas, mas o ser humano permanece sempre humano, sempre em busca de sua *humanitas*, sua “humanidade”. Os primeiros poetas gregos e latinos do contexto ocidental buscaram imitar a natureza, o mundo natural e a natureza humana em seus poemas antigos. A obra de *Publius Vergilius Maro* (70 a.C – 19 a.C.) é um dos principais registros desse movimento antigo que tem continuidade até os dias de hoje: o ser humano expressando a sua interação com a sua própria natureza humana e com o mundo natural através da poesia.

O conjunto de obras que constituem as *Bucólicas*, ou *Éclogas*, é um conjunto coeso de poemas de temática pastoral que se remetem a um mundo mais antigo do que o antigo Império romano, é uma reconstituição de uma Idade de Ouro mitológica e perdida em que a vida campesina e rústica em sua simplicidade era o ápice da experiência de vida humana. Vergílio ambienta os seus poemas pastoris no campo, não nas cidades e vilas romanas, mas em um lugar e em um tempo pretérito, como um jardim suspenso da Antiguidade.

O gênero pastoral do grego Teócrito, que antecedeu em muito Virgílio, chega ao Lácio. A paz no campo contrastava com as lutas políticas do Senado, os campos de batalhas dos *duces* e *consules*, em uma vida regida pelo ócio e pelo cultivo da terra, era o idílio da vida agreste, nos campos de Saturno. Virgílio trouxe para Roma uma antiga inovação e fundou uma tradição literária, em que o cuidado de rebanhos mostrava não só uma prática rude, mas um *modus uiuendi*, um modo de existir.

A *Bucólica IV* é especial no conjunto dos outros poemas pastoris, trata da perda e da recuperação de uma Idade de Ouro nos campos de Saturno, vinculadas à paz e à superação das indiferenças e disputas humanas. É um tempo e espaço de suspensão das polêmicas e dos conflitos. Virgílio encontrava e anunciava o caminho da paz, por seus pastores de rebanhos. A simplicidade da vida no campo contrastava com uma cidade opulenta que surgia graças às anexações de grandes extensões de terra. Virgílio reencontrava a Roma bucólica, ainda vinculada aos ciclos do mundo natural e à Idade de Ouro, uma Roma que existia internamente no poeta e em seu sentimento profundo de paz. A *Bucólica IV* é um poema contemplativo e utópico, talvez de uma utopia necessária para fugir das tensões da cidade de Roma. Nesse aspecto, a poesia pastoril de Virgílio o aproxima de Horácio e do sentimento epicurista, e mesmo neoplatônico, de trazer a filosofia para fora das poderosas muralhas da sublime Roma. A verdade poética, como verdade revelada, estava nos mais simples, nos mais humildes, na vida do campo.

Virgílio cantou nas *Bucólicas* o amor e a amizade, cantou a natureza, cantou a política e registrou transformações sociais importantes de Roma, no olhar taciturno de seus pastores-cantores. Por fim, uma nova perspectiva idealizada de Roma surgiu, não a Roma do fórum e dos palácios, mas a Roma das províncias interioranas, de vida rude e agreste. Ali, para o poeta, estava a romanidade.



*Bucólicas de Virgílio*

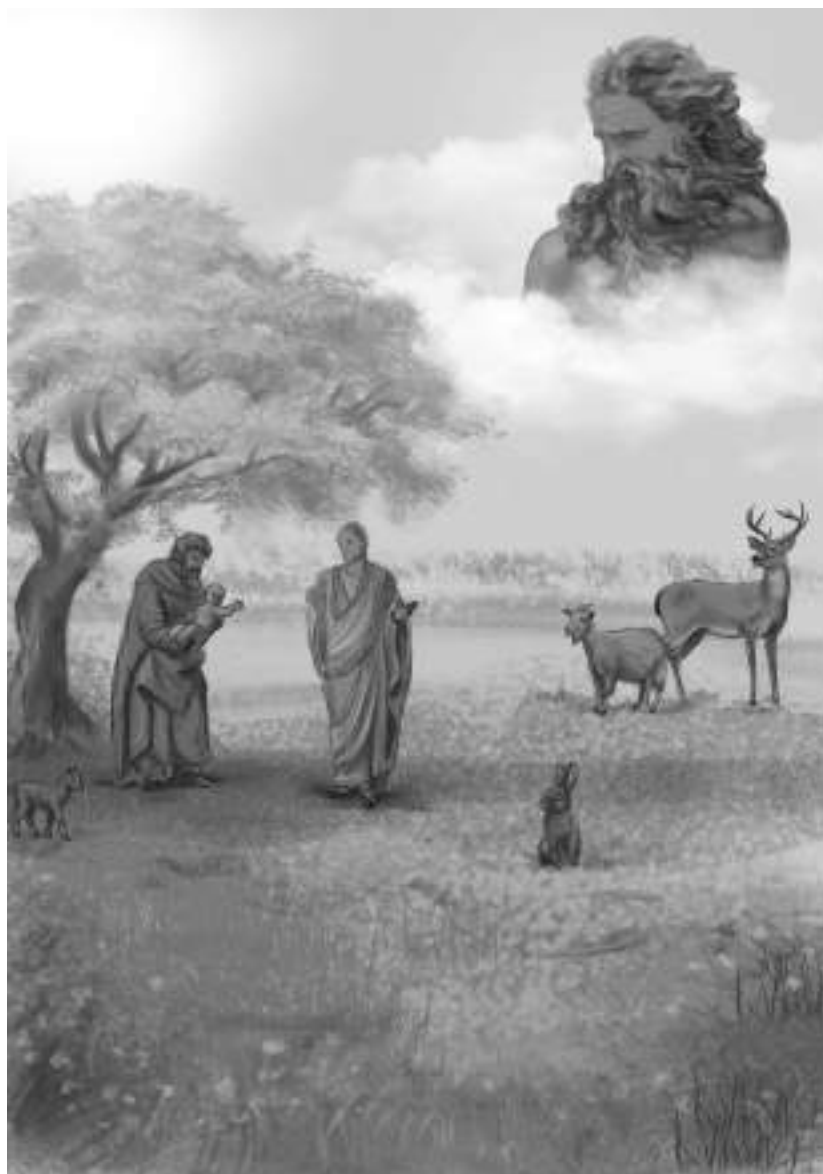
## BVCOLICA IV

*Sicelides Musae, paulo maiora canamus:  
non omnis arbusta iuuant humilesque myricae;  
si canimus silvas, siluae sint consule dignae.*

*Vltima Cumaei uenit iam carminis aetas;  
magnus ab integro saeculorum nascitur ordo.* 5

*Iam redit et Virgo, redeunt Saturnia regna;  
iam noua progenies caelo demittitur alto.*

*Tu modo nascenti puero, quo ferrea primum  
desinet ac toto surget gens aurea mundo,  
casta faue Lucina; tuus iam regnat Apollo.* 10



## BUCÓLICA IV

Ó Musas da Sicília<sup>1</sup>, cantemos (poemas)<sup>2</sup> um pouco maiores:  
Os arbustos e humildes tamarindos<sup>3</sup> não agradam a todos<sup>4</sup>;  
Se cantamos as selvas, (que) as selvas sejam dignas de um cônsul.  
A última idade<sup>5</sup> do canto<sup>6</sup> de Cumas já veio;  
a grande ordem de séculos<sup>7</sup> nasce de novo<sup>8</sup> 5  
Já volta também a Virgem, voltam os Satúrnios<sup>9</sup> reinos;  
já uma nova progênie se faz descer<sup>10</sup> do alto céu.  
Favorece tu, de algum modo, ao nascente menino<sup>11</sup> sob o qual a férrea  
raça primeiramente cessará, e surgirá a áurea por todo o mundo,  
ó casta Lucina<sup>12</sup>; teu Apolo<sup>13</sup> já reina. 10

1 As Musas da Sicília são as do poeta bucólico, Teócrito, que inspirou Virgílio, em sua arte.

2 Virgílio deseja cantar e louvar a Asínio Polião, em um poema bucólico, no patamar do gênero épico: poema digno de um cônsul como faz alusão aos encômios, logo nos primeiros versos: *si canimus silvas, silvae sint consule dignae* (= "se cantamos as selvas, que as selvas sejam dignas de um cônsul."). (Virg. *Buc IV*, v.3).

3 Os arbustos e humildes tamarindos não agradam a todos. Eles estão personificados, neste verso. Sabemos que os tamarindos eram consagrados ao Deus Apolo. Atesta-se um exemplo de hipálage, visto que "humildes" devem ser os cantos bucólicos, que não podem ser comparados aos épicos de gênero maior.

4 *Omnis* (= acusativo plural poético, muito comum, em Virgílio). Notem que o verbo *iuvoo* é transitivo direto, em latim, pede acusativo.

5 A última idade é uma alusão ao reino de Apolo, trata-se da Idade de Ferro que podemos atestar um pouco mais à frente, no décimo verso: *tuus iam regnat Apollo* (= "teu Apolo já reina); a primeira idade é a de Ouro.

6 *Carminis*= "do canto", "do carne", "da poesia", inspirada pelas musas da Sicília, no entanto, também, pode ser traduzido este verso por "da profecia", visto que Cumas é uma Sibila, uma profetiza que previa o futuro e que vaticina sobre a volta da Idade de ouro.

7 Com o fim da idade de ferro, retorna-se a idade de ouro, funcionando ao imaginário romano, como um movimento circular de eterno retorno, por isso, que o poeta faz alusão a uma grande ordem de séculos, que nasce de novo, no quinto verso. Para o estoicismo, o mundo obedece a um ciclo de dez séculos, ao término deste ciclo inicia-se uma nova ordem à qual Virgílio se refere.

8 Expressão *ab integro* (= "de novo" ou "novamente").

9 Eufemismo, pois, se entende que os reinos de Saturno são, na verdade, a idade de ouro.

10 Ou "deixa-se cair do alto céu".

11 Isto é, "ao menino recém-nascido".

12 Lucina, deusa que presidia aos partos, associada ora a Diana, ora a Juno.

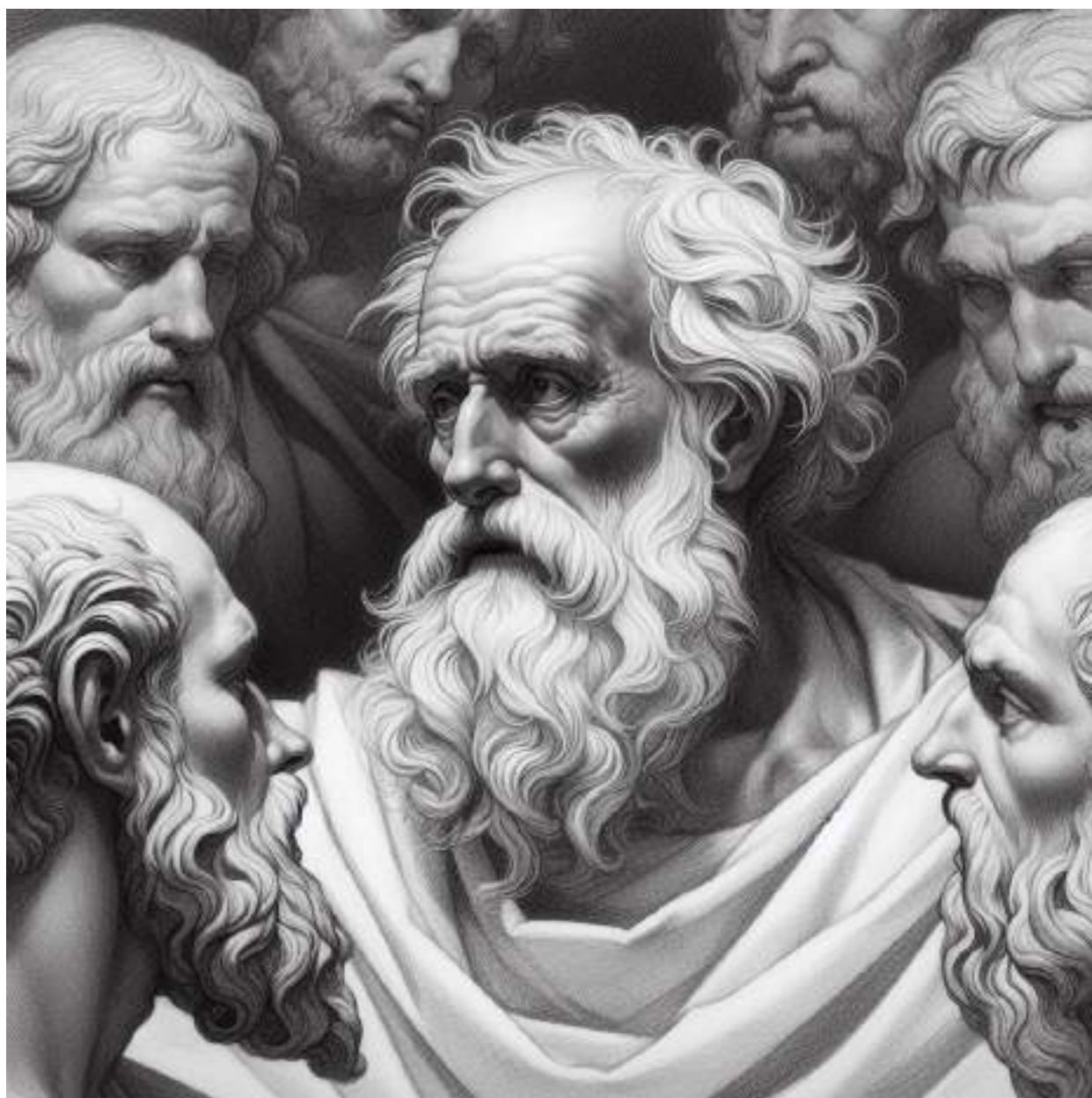
13 No verso 10, apontamos Apolo não como o Deus, da ciência e das boas artes, mas como uma metáfora do próprio Augusto. Segundo Suetônio, Augusto costumava representar este Deus, em festins particulares.



*Teque adeo decus hoc aeui, te consule, inibit,  
Pollio, et incipient magni procedere menses;  
te duce. Si qua manent sceleris uestigia nostri,  
inrita perpetua soluent formidine terras.  
Ille deum uitam accipiet diuisque uidebit  
permixtos heroas et ipse uidebitur illis  
pacatumque reget patriis uirtutibus orbem.  
At tibi prima, puer, nullo munuscula cultu  
errantis hederas passim cum baccare tellus  
mixtaque ridenti colocasia fundet acantho.*

15

20



e principalmente<sup>14</sup> esta honra do tempo, sendo tu cônsul, começará em ti<sup>15</sup>,  
 ó Polião, e começarão os magnos meses a avançar,  
 sendo tu o comandante. Se permanecem alguns vestígios do nosso crime<sup>16</sup>,  
 írritos<sup>17</sup> dissolverão<sup>18</sup> as terras de um perpétuo medo.

15

Ele aceitará a vida dos deuses<sup>19</sup> e verá  
 os heróis misturados aos deuses<sup>20</sup>, e ele próprio será visto entre eles<sup>21</sup>  
 e com as pátrias<sup>22</sup> virtudes regerá o *pacato orbe*<sup>23</sup>.

Mas a ti, como pequenas dádivas<sup>24</sup>, ó menino, sem nenhum cultivo,  
 a terra produzirá, por aqui e por ali, errantes heras com nardo rústico<sup>25</sup>  
 e colocásias<sup>26</sup> misturadas ao ridente acanto<sup>27</sup>. 20

---

14 *Adeo* (= advérbio usado para pôr em realce uma palavra que o precede imediatamente, alusão a Polião e ao seu consulado e governo). Podemos fazer também uma outra leitura, tradução e interpretação, neste verso 12 no qual o poeta diz : *te adeo*, isto é, (eu, Virgílio) me aproximo de ti (isto é, de Polião), e esta honra do tempo começará (...). Consolida-se, assim, a relevância do poeta para a existência da poesia, dos elogios a Polião, e sobretudo dos honrosos tempos que virão e dos meses subsequentes, sendo o guia o próprio cônsul, apesar dos crimes atrozes praticados, na época de Virgílio.

15 Isto é, no teu governo.

16 Clara alusão de Virgílio ao assassinato de César ou às barbáries cometidas pelos Romanos, nas guerras civis da época do poeta.

17 “Sem valor”, “que não são contados”, “apagados” estes vestígios de horrendos crimes.

18 Metáfora, percebida pela tradução literal para não se perder a imagem estilística à qual nos referimos: “dissolverão as terras”, isto é, “livrarão as terras”, “libertarão as terras”.

19 *Deum* (= forma sincopada no genitivo plural).

20 Dativo de aproximação ou de contato.

21 Encômios a Polião, que estará, no Olimpo e na convivência com os deuses. *Illis* = “entre eles”. Exemplo de dativo de ponto de vista.

22 *Patriis uirtutibus* (com as pátrias virtudes). O adjetivo selecionado tem um gama de significações. Podemos interpretar “com as virtudes do pai”, “com as virtudes que vêm dos pais”, isto é, dos antepassados, dos Deuses Manes, ou “com as virtudes de sua pátria”, de seu país natal. Não podemos descartar nenhuma destas possibilidades de reflexão e de interpretação.

23 Alusão ao mundo pacificado, ao século da paz de Brindisi, graças à intervenção de Polião, ao lado de Mecenas, ademais, prediziam que o filho recém-nascido de Polião vai reger este *pacatum orbem* com as virtudes pátrias de seus antepassados.

24 *Prima munuscula* = “como pequenas dádivas”, “como pequenos presentes”, trata-se de um predicativo do objeto direto. Passagem um pouco complicada de se traduzir para os iniciantes. Para melhor compreensão da tradução, deixamos, na ordem do latim.

25 *Baccar*, *baccaris* = “nardo rústico”. Era usado como antídoto contra os feitiços. Erva contra os mal-olhados e com agradável odor para perfumes.

26 “Fava”, planta do Egito, espécie de inhame.

27 Trata-se de uma erva gigante, que no poema está personificada.

*Ipsae lacte domum referent distenta capellae  
ubera; nec magnos metuent armenta leones;  
ipsa tibi blandos fundent cunabula flores.  
Occidet et serpens, et fallax herba veneni  
occidet; Assyrium uulgo nascetur amomum. 25*

*At simul heroum laudes et facta parentis  
iam legere et quae sit poteris cognoscere uirtus,  
molli paulatim flavescet campus arista  
incultisque rubens pendebit sentibus uua  
et durae quercus sudabunt roscida mella. 30*

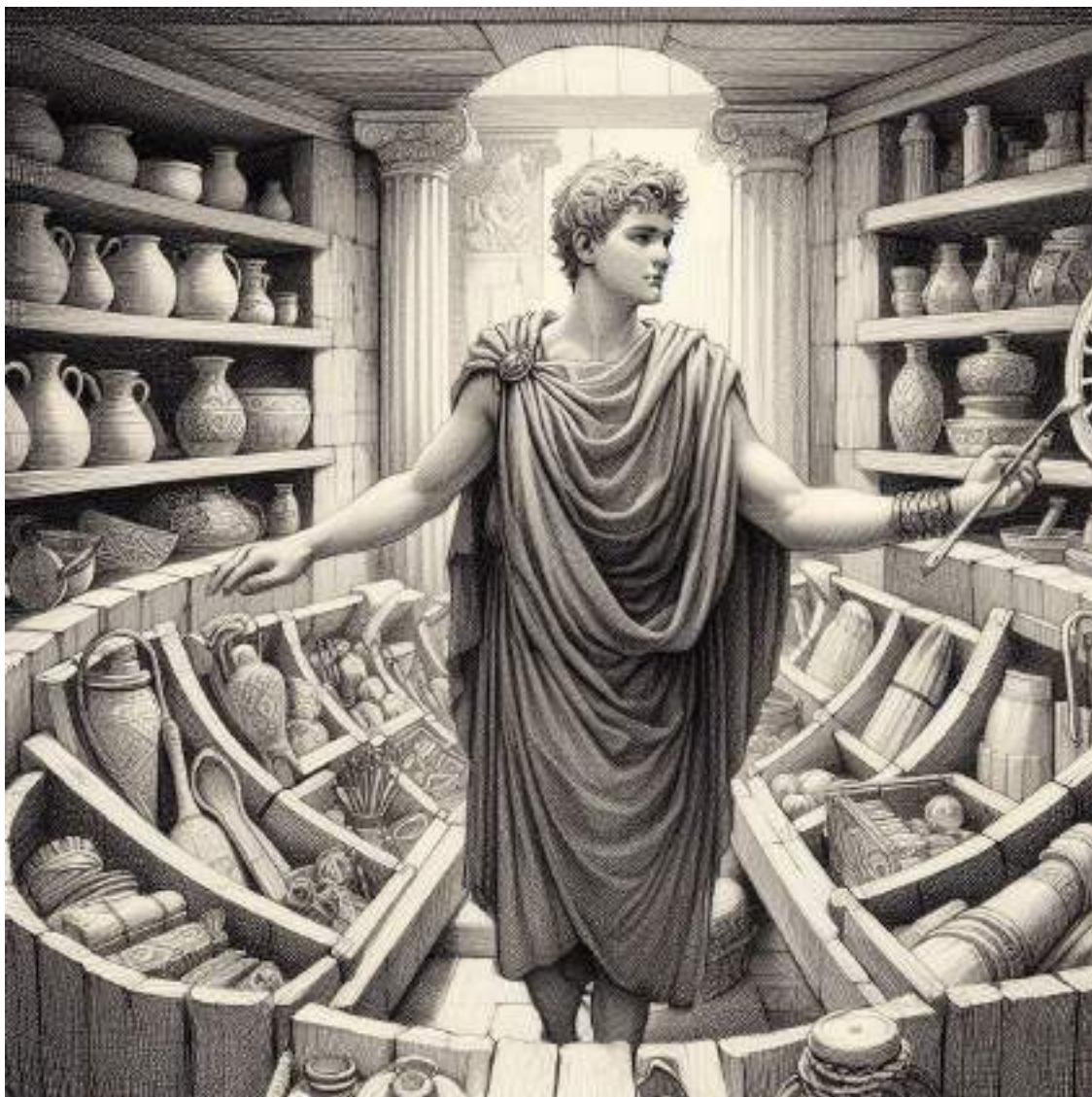


As próprias cabrinhas trarão de novo a casa úberes<sup>28</sup>, cheios de leite;  
os armentos<sup>29</sup> não temerão os magnos leões;  
os próprios berços<sup>30</sup> espalhar-te-ão agradáveis flores.

Perecerá, não só a serpente, mas também a falaz<sup>31</sup> erva de veneno  
perecerá; o assírio amomo por toda a parte<sup>32</sup> nascerá. 25

Mas, já (quando) puderes cultivar ao mesmo tempo os louvores dos heróis  
e os feitos de (teu) pai e a conhecer o que<sup>33</sup> é a virtude,  
paulatinamente, o campo torna-se louro com a tenra espiga,  
e a rubente uva penderá dos não cultivados espinhos,  
e os duros carvalhos destilarão os róscidos<sup>34</sup> meles. 30

*Pauca tamen suberunt priscae uestigia fraudis,  
quae temptare Thetim ratibus, quae cingere muris  
oppida, quae iubeant telluri infindere sulcos.  
alter erit tum Tiphys et altera quae uehat Argo  
delectos heroas; erunt etiam altera bella 35  
atque iterum ad Troiam magnus mittetur Achilles.  
Hinc, ubi iam firmata virum te fecerit aetas,  
cedet et ipse mari uector nec nautica pinus  
mutabit merces; omnis feret omnia tellus.  
non rastros patietur humus, non uinea falcem, 40*



Contudo, poucos vestígios da prisca fraude<sup>35</sup> ficarão ocultos,  
os quais ordenem a atacar o mar<sup>36</sup> com os remos, os quais ordenem a cingir<sup>37</sup> com muros  
as cidades fortificadas, os quais ordenem a abrir os sulcos, na terra.

Haverá, então, outro Tífis<sup>38</sup> e outra Argos, que transporte por terra e por mar  
escolhidos heróis; existirão outrossim outras guerras 35  
e, de novo, o magno Aquiles será enviado a Troia.

A partir deste momento, quando a idade já fortalecida tiver feito de ti<sup>39</sup> um homem,  
e o próprio navegante se retirará<sup>40</sup> do mar, e o náutico pinheiro<sup>41</sup>  
não transportará as mercadorias, toda a terra produzirá todas as coisas<sup>42</sup>,  
o solo não tolerará<sup>43</sup> os ancinhos, nem a vinha a foice, 40

---

35 Desabafo de Virgílio acerca das guerras civis de outrora, na Roma, em sua época. Houve vestígios de muitas injustiças como a desapropriação de terras e invasões, mas brevemente ficarão ocultos estes vestígios aos quais o poeta faz alusão e terão um fim com a vinda da idade áurea.

36 O poeta se vale de uma metonímia, visto que Tétis, ninfa do mar, neste verso, pode ser traduzida por “mar”; e o ablativo instrumental *ratibus* (= “com os remos”, “com os navios”) pode se configurar como exemplo de sinédoque, visto que os remos fazem parte dos navios.

37 “Poucos vestígios da prisca fraude ordenem a cingir”, isto é, “ordenem a rodear as cidades fortificadas com muros”, belo exemplo de metáfora, engendrada pelo poeta: não adianta cercear as cidades com muros porque as fraudes sempre existirão e estarão ao redor e dentro das urbes, como se estivessem vivas, personificadas. Notório também o paralelismo sintático do mesmo verbo *iubeant*, que serve para as três orações relativas propriamente ditas com infinitivos e ablativos distintos.

38 Piloto, timoneiro dos Argonautas, que conduziu os heróis em busca do velo de ouro.

39 Acusativo de objeto, seguido de um acusativo de predicativo do objeto. Observa-se que a regência do latim diverge do vernáculo.

40 Ablativo de afastamento: *cedet et ipse mari uector* (= “e o próprio navegante se retirará do mar”).

41 Nesta bela passagem, Virgílio se vale da sinédoque “do pinheiro náutico” para configurar o hexâmetro dactílico, se fosse *nauis*, *naus* ou *ratis* não seria possível fechar o pé métrico. Além disso, o pinheiro náutico serve de exemplo de prosopopeia ou personificação, visto que são os comerciantes que mudam e vendem suas mercadorias.

42 A repetição do adjetivo de segunda classe biforme, *omnis, -e*, em casos diferentes e no mesmo verso 39, (*omnis* e *omnia*) reforça a ideia da volta à idade áurea com o advento de uma criança recém-nascida em virtude da qual não será necessário algum esforço, tudo será dado ao homem: toda a terra produzirá todas as coisas, sem a necessidade de qualquer labor, é o que podemos atestar, na tradução, a partir do verso 37.

43 Sinalizamos, aqui, mais um exemplo de paralelismo sintático com o uso do mesmo verbo para as duas orações, no verso 40.

*robustus quoque iam tauris iuga soluet arator;  
nec uarios discet mentiri lana colores,  
ipse sed in pratis aries iam suaue rubenti  
murice, iam croceo mutabit uellera luto;  
sponte sua sandyx pascentis uestiet agnos.* 45  
*“Talia saecla” suis dixerunt “currite” fuis  
concordes stabili fatorum numine Parcae.*  
*Adgredere o magnos (aderit iam tempus) honores,  
cara deum soboles, magnum Iouis incrementum!  
aspice conuexo nutantem pondere mundum,* 50



também, o robusto lavrador já soltará os jugos aos touros<sup>44</sup>;  
nem a lã aprenderá a mentir<sup>45</sup> as variadas cores,  
porém, o próprio carneiro nos prados mudará (os seus) velos ora  
pelo vermelho suavemente de púrpura<sup>46</sup>, ora pelo amarelo<sup>47</sup> cróceo<sup>48</sup>;  
o azarcão<sup>49</sup> vestirá espontaneamente<sup>50</sup> os cordeiros, que pastam. 45  
“Correi<sup>51</sup> tais séculos” – disseram as Parcas concordes aos seus fusos  
com a vontade inalterável dos fados<sup>52</sup>.  
Ó magnas honras, caminha<sup>53</sup> tu em direção (a elas) (já estará perto o tempo),  
ó caro rebento dos deuses, ó magno incremento<sup>54</sup> de Júpiter!  
olha o mundo que balança<sup>55</sup> com o convexo peso 50

44 Isto é, os touros dos jugos, esta inversão de palavras se configura como uma hipálage.

45 A tradução literal preserva a metáfora desta passagem, que também poderia ser traduzida como “mentir”.

46 *Murice*= “de púrpura”. Assim o traduzimos, mas o primeiro sentido é “múrice”, “concha”, molusco do qual se extrai a púrpura).

47 *Lutum, luti* = (“cor amarela”, “açafão”).

48 O adjetivo no ablativo *croceo*, também significa “amarelo ouro”, “cor de açafão” de modo que o poeta se vale de um pleonasma, em virtude de sinalizar dois vocábulos com a mesma significação, recurso estilístico usado para configurar o hexâmetro dactílico.

49 Usado como tinta vermelha. Planta que produzia uma tinta escarlate. Notemos que o azarcão está personificado, no verso 45.

50 Expressão latina *sponte sua*: “espontaneamente”, “por sua própria vontade”.

51 Trata-se de uma metáfora: “correi fiando”, “fiai tais séculos”! os séculos vão sendo fiados pelas Parcas, vão passando muito céleres.

52 Isto é, “com a vontade inalterável dos destinos”!

53 Ordem dada à criança. Alusão à longa e vindoura caminhada de ascensão política até à chegada ao consulado.

54 *Incrementum, incrementi* = “filho”, “descendente” de Júpiter. Sabemos que este deus teve muitos filhos, na terra, portanto podemos sinalizar uma descendência que pode ser divina. Na verdade, podemos inferir que Virgílio fez uma grande exaltação ao filho do cônsul Polião, rebento dos deuses do Olimpo e do próprio Júpiter.

55 Podemos traduzir, também, assim: “(...) o mundo que se movimenta”, como os astros, mas podemos aventar outra interpretação: “o mundo que faz sinal com a cabeça”, aprovando a vinda da criança predestinada, um exemplo de personificação. Observar, portanto, o outro sentido do verbo, no participípio presente.



*terrasque tractusque maris caelumque profundum;  
aspice, uenturo laetantur ut omnia saeclo.*

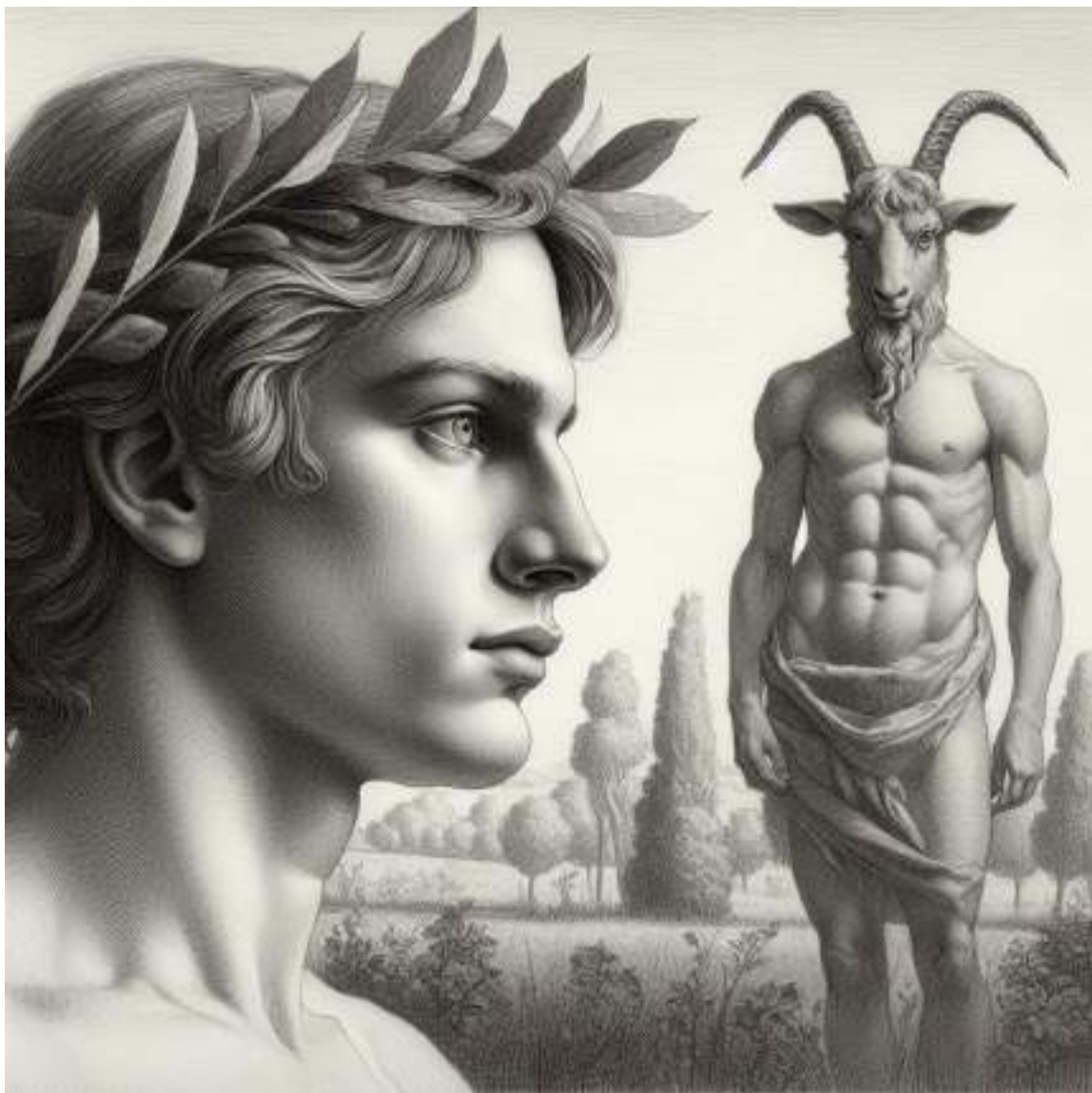
*O mihi tum longae maneat pars ultima uitae,  
spiritus et quantum sat erit tua dicere facta:  
non me carminibus uincat nec Thracius Orpheus,  
nec Linus, mater quamuis atque huic pater adsit,  
Orphei Calliopea, Lino formosus Apollo.*

55

*Pan etiam, Arcadia mecum si iudice certet,  
Pan etiam Arcadia dicat se iudice uictum.*

*Incipe, parue puer, risu cognoscere matrem*

60



e as terras e as extensões do mar e o céu profundo<sup>56</sup>;  
olha como todas as coisas se alegram com o vindouro século.  
Oh! então a mim<sup>57</sup> permaneça a última parte de uma longa vida,  
e quanto<sup>58</sup> de espírito será suficiente para cantar os teus feitos:  
    não me venceria<sup>59</sup> com (seus) carmes nem o Trácio Orfeu,      55  
    nem Lino<sup>60</sup>, embora a mãe assista (àquele) e a este o pai,  
    a Orfeu<sup>61</sup> Calíope<sup>62</sup>, a Lino o formoso Apolo.  
Pã também, se comigo (me) desafiasse, sendo a Arcádia juiz,  
    Pã outrossim se diria vencido, sendo a Arcádia juiz<sup>63</sup>.  
Começa, ó parvo menino, com um sorriso a conhecer a (tua) mãe      60

---

56 Toda noção de movimento contínuo é atestada e sinalizada pelo poeta com o uso estilístico do polissíndeto, no verso 52, na sua forma enclítica *-que*, nos sugerindo uma certa celeridade e plasticidade de movimentos de elementos da terra, do mar e do céu, finalizados, no verso 52, com o advento do século que há de vir, paralelamente ao nascimento da criança predestinada.

57 Desejo do poeta Virgílio de viver muitos anos para cantar os grandes feitos e as glórias do menino, no porvir, corrobora-se a nossa afirmação, na leitura do verso subsequente.

58 Genitivo partitivo complemento de advérbio: *et quantum spiritus*.

59 *Vincat* (“vença”), no v. 55, encontra-se no presente do subjuntivo, mas podemos traduzir pelo futuro do pretérito (“venceria”), no sentido potencial, como também, os verbos *certet*, “caso me desafie”, “se me desafiasse”, no v. 58, e *dicat* (“diga”, “declare”, “diria”, “declararia”, no verso 59. Lembremo-nos de que a condicional *si* com os verbos, no subjuntivo, indicam hipótese possível de acontecer: traduz-se uma oração no imperfeito do subjuntivo; outra, no futuro do pretérito.

60 Mestre de Orfeu e célebre tocador de Lira, filho de Apolo e de Calíope.

61 Filho de Calíope, esposo de Eurídice e célebre tocador de lira.

62 Musa da poesia épica.

63 Mesmas estruturas de ablativo absoluto: *Arcadia iudice*, como se fosse um reforço de que o poeta seria o melhor, mesmo desafiado pelo próprio Pã, a Arcádia lhe daria o voto de vencedor, no canto, apesar dos habitantes da Arcádia cultuarem e serem devotos do Deus Pã.

*(matri longa decem tulerunt fastidia menses);  
incipe, parue puer. cui non risere parentes,  
nec deus hunc mensa dea nec dignata cubili est.*



(à (tua) mãe, durante dez meses<sup>64</sup>, trouxeram longos fastios);  
começa, ó parvo menino, ao qual não sorriram os pais,  
nem um deus o<sup>65</sup> julgou digno<sup>66</sup> de (sua) mesa, nem a deusa, de (seu) leito<sup>67</sup>.

---

64 Os dez meses lunares para os Romanos são equivalentes aos 280 dias solares.

65 *Hunc*, pronome demonstrativo com função de oblíquo.

66 O verbo *dignor* constrói-se com ablativo (cf. *mensa, cubili*).

67 Alusão ao Deus Vulcano, por sua deformidade, por ser coxo, rejeitado pelos seus próprios pais, pelos deuses e deusas.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *Cultura Popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais*. SP: Hucitec, 2010 (1965).
- BAYET, Jean. *Littérature Latine*. Paris: Armand Colin, s/d.
- BRISSON, Jean-Paul. *Virgile son temps et le nôtre*. Paris: François Maspero, 1980.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. *Literatura Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.
- CARTAULT, A. *Étude sur les Bucoliques de Virgile*. Paris: 1897.
- DOUGLAS, D. *A Study in Epicurean Poetics: Virgil's Eclogue*. Montreal, McGill, MA thesis, 2017.
- FARIA, Ernesto. *Dicionário Latino - Português*. Belo Horizonte: Garnier, 2003.
- FARIA, Ruth Junqueira de. *Aspectos Lexicais e Estilísticos do Bucolismo Vergiliano*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1974.
- GAGLIARDI, P. *The Metamorphosis of Daphnis from Theocritus to Virgil*, Phais, 2019, 21/22, 119-139.
- GAGLIARDI, P. *L'ἀδύνατον nelle Bucoliche vergiliane*. *Révue des Études Anciennes*, 121, 2019, 2, 391-412.
- HASEGAWA, A. P. *Écloga III. Comentário à tradução da Écloga III*, Paulo Sérgio Vasconcellos, org., *Bucólicas (de Virgílio)*. São Paulo, Ateliê, 2008, 63-93.
- HUMPHREY C. (2000) Bakhtin and the Study of Popular Culture: Re-thinking Carnival as a Historical and Analytical Concept. In: Brandist C., Tihanov G. (eds) *Materializing Bakhtin*. St Antony's Series. PalgraveMacmillan, London. [https://doi.org/10.1057/9780230501461\\_9](https://doi.org/10.1057/9780230501461_9)
- LECLERCQ, R. *Les Principes de la Poétique Virgilienne*. *Revue des Études Latines*. Paris: Société d'Édition << Les Belles Lettres >>, 1994.
- LESKY, Albin. *História de la Literatura Griega*. Versión española de José Maria Diaz Regañon y Beatriz Romero. Madrid: Editorial Gredos, S.A.
- LOUPIAC, Annie. *Le Labor chez Virgile: Essai d'interprétation*. *Revue des Études Latines*. Paris: Société d'Édition Les Belles Lettres, 1993.
- MAROUZEAU, Jules. *A Ordem das Palavras em Latim*. Tradução de José Mario Botelho. Editora Autografa. Rio de Janeiro, 2017.
- \_\_\_\_\_. *Traité de Stylistique Latine*. Paris: Société D'Édition Les Belles Lettres, 1946.
- MARTIN, René & GAILLARD, Jacques. *Les Genres Littéraires à Rome*. Préface de Jacques Perret. Tome II. Paris: Scodel, 1981.

MARTINS, Paulo. *Literatura Latina*. 1ª edição. Curitiba: IESDE Brasil. S. A., 2009. Vol. 1, 268 p.

MENDES, João Pedro. *Construção e Arte das Bucólicas de Virgílio*. Coimbra: Livraria Almedina, 1997.

PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Trad. Manuel Losa. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1984.

PERRET, J. Virgile, *Les Bucoliques*. Édition, introduction et commentaire de Jacques Perret, 1961.

RIBEIRO, Marcio Luiz Moitinha. *Gramática latina*. 2a. Ed. São Gonçalo: Márcio Moitinha Editora, 2017.

SOUZA, E.F.M. *A Bucólicas de Públio Virgílio Maro: tradução e estudo à luz de aparato etimológico e de simbologia da flora*. João Pessoa, Tese de Doutorado em Letras, UFPB, 2019.

TREVIZAM, M. *Modulações genérica em Virgílio*, *Rònai*, 8, 2, 2020, 46-61.

VIRGILE. *Bucoliques*. Texte établi par E. de Saint-Denis. Traduction d'Anne Videau. *Introduction, commentaire et annotations d'Hélène Casanova-Robin*. Paris, Les Belles Lettres, 2014.

## **ORGANIZADORES E EMPREENDEDORES DA OBRA PUBLICADA:**

### **Amós Coêlho da Silva:**

Atual Presidente da Academia Brasileira de Filologia (ABRAFIL). Possui graduação em Bacharel em Letras Português Literatura pela Universidade Gama Filho, mestrado e doutorado em Língua Latina (Letras Clássicas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência, na área de Letras, com ênfase em Latim, atuando principalmente nos seguintes temas: filologia; linguística; literatura; mito; teatro antigo; sátira; crítica literária. Atua na graduação e na pós-graduação “Lato sensu”, na Especialização de Língua Latina, e, credenciado pelo Colegiado, desde 2010, na “Stricto sensu”, no mestrado e doutorado, ministrando Teoria da Literatura e Literatura Comparada, com estudos de obras literárias em perspectiva tanto de interlocução com a Antiguidade Clássica quanto de interdisciplinaridade. Pertence à Academia Brasileira de Filologia, da qual é Presidente.

### **Carlinda Fragale Pate Núñez:**

Professora Titular de Teoria da Literatura na Universidade do Estado do Rio de Janeiro desde 2018. Possui graduação em Português Literatura pela Universidade Santa Úrsula (1976), mestrado em Ciência da Literatura (1986) e doutorado (idem, 1991) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fez estágio de Pós-Doutorado na Universidade de Freiburg (março 1996-julho 1997) sob a supervisão do Prof. Dr. Wolfgang Kullmann. Foi coordenadora geral do Programa de Pós-graduação em Letras nos anos de 2005 e 2006. Ocupou as coordenações do Doutorado em Literatura Comparada e do Mestrado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada, em gestões alternadas, entre 2002 e 2014. Foi supervisora dos estágios Sanduíche (PDSE) do PPG-Letras entre 2003 e 2016. Participa do Diretório de Pesquisa „História da Literatura“ do CNPq, tendo sido subcoordenadora de 2009 a julho de 2012. Foi bolsista do CNPq no triênio de 2009-2012 e foi Procientista com bolsa da FAPERJ de 2003 a 2018. Escreveu „Electra ou uma constelação de sentidos“ (2000) e organizou mais de uma dezena de livros acadêmicos. As áreas em que mais atua e produz são Literatura Comparada, Teoria da literatura e Recepção Clássica.

### **José Mário Botelho:**

Doutor em Letras Clássicas - Latim (2018) na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pós-Doutor em Sintaxe Latina (2018/19) em Università degli Studi di Udine-Italia. É Professor Associado da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, em cujo Curso de Graduação leciona Língua Portuguesa e Língua Latina. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: linguagem, linguística, letramento, oralidade e escrita, estudos gramaticais, estilística. Foi Membro efetivo da Academia Brasileira de Filologia (ABRAFIL). É Diretor-Presidente do Círculo Fluminense de estudos



Filológicos e Linguísticos (CiFEFiL); e o criador do Grupo de Estudos sobre Linguagem Oral Culta de São Gonçalo (GELOC-SG), do qual é o Coordenador.

**Francisco de Assis Florêncio:**

Possui graduação em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1996), mestrado em Letras (Letras Clássicas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001) e doutorado em Letras (Letras Clássicas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2006). Atualmente é professor de língua portuguesa do Seminário Teológico Betel e professor adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Latina, atuando principalmente nos seguintes temas: latim renascentista e medieval.

**José Rodrigues Seabra Filho:**

Pela Universidade de São Paulo, possui graduação em Letras (1979), doutorado em Letras Clássicas (1991) e Livre-docência (2008). Atualmente é Professor Associado da Universidade de São Paulo. Sua área de especialização é Gramática Latina e tradução de textos do latim clássico.

**Leonardo Ferreira Kaltner:**

Doutor em Letras Clássicas (UFF). Pós-Doutorado em Literatura Novilatina (UERJ). Professor associado da Universidade Federal Fluminense (UFF, Niterói/RJ), na área de Língua e Literatura Latinas, docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem. Membro do Laboratório de Pesquisas em Contato Linguístico - LABPEC/UFF e do GT de Historiografia da Linguística Brasileira da ANPOLL. É líder do grupo de pesquisa: Filologia, línguas clássicas e línguas formadoras da cultura nacional (FILIC/CNPq/UFF).

**Luiz Fernando Dias Pita:**

Professor Adjunto de Língua Latina na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2010). Possui também graduação em Letras (Português-Espanhol) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1999), Mestrado em Letras (Literaturas Hispânicas) pela Universidade Federal Fluminense (2000), Especialização em Língua Latina pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2003); Mestrado em Letras (Letras Clássicas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2006); Mestrado em Interlinguística e Esperantologia (Univ. Adam Mickiewicz, Poznań, Polônia, 2017). É membro da Academia Brasileira de Filologia, ocupando a cadeira n 39. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Latina, Língua Espanhola e Literaturas Hispânicas.

**Márcia Regina de Faria da Silva:**

Márcia Regina de Faria da Silva possui Graduação e Licenciatura em Português-Literaturas (1991) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Graduação em Português-Latim (1994) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Especialização em Língua e Literatura Latina (1996) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestrado (2000) e Doutorado (2008) em Letras Clássicas também pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É professora Associada

da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, tendo ingressado em 2002. Ocupou a Chefia do Departamento de Letras Clássicas e Orientais (2012-2015), a vice-direção do Instituto de Letras (2016-2018) e a subchefia do Departamento de Letras Clássicas e Orientais (2019-2020). Ministra Língua Latina, Cultura e Literatura Clássica e Literatura Latina. Coordena projetos de Extensão e orienta bolsistas. Tem experiência na área de Língua e Literatura Latina, inclusive em nível de Especialização, com aprofundamento em Lírica Elegíaca Latina.

### **Márcio Luiz Moitinha Ribeiro:**

Possui três graduações: em Português-Literaturas (1992), em Língua e Literatura Latina (1993) e em Língua e Literatura Grega (1999), formado pela (UERJ), Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestrado em Letras (Letras Clássicas) pela Universidade de São Paulo (2006) e Doutorado em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (2011). Concluiu o Pós-Doutorado, em Letras Clássicas, na USP, em 2014. Leciona Língua, Literatura Latina e Prática de Ensino, há 24 anos, na UERJ do campus Maracanã. Atualmente é docente Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro com 40 horas. Em 2015, prestou outro concurso com aprovação, em primeiro lugar, para professor de língua latina, na UERJ do campus São Gonçalo, onde exerce o cargo de prof. adjunto de 40 horas, em língua latina, no Del -FFP de São Gonçalo. Na UERJ, do campus Maracanã, exerceu, em duas gestões, o cargo de Coordenador do Setor de latim. Também foi Coordenador da pós de latim, durante alguns anos. Também exerceu a função de Coordenador de toda a Graduação do Instituto de Letras da UERJ. Tem longa experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Clássicas, Literaturas Clássicas e Prática de Ensino em Língua Portuguesa e Línguas Clássicas. Faz pesquisas comparadas não só na área de latim e do vernáculo, como também publica artigos de literatura comparada na área de literatura grega, latina, brasileira, portuguesa, francesa e americana.

### **Pedro Ivo Zaccur Leal:**

Professor adjunto de Língua e Literatura Latina da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Doutor em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Clássicas.

### **Pedro Paulo Funari:**

Pedro Paulo A. Funari é professor de arqueologia histórica da Universidade de Campinas, Unicamp, Brasil, ilustre conferencista da Stanford University, pesquisador associado da Illinois State University, nos Estados Unidos, e da University of Barcelona, Espanha. Possui diversos livros publicados no Brasil e no exterior, além de mais de 300 artigos. Ele é co-editor com Martin Hall e Siân Jones de *Historical Archaeology: Back from the edge* (Londres, Routledge, 1999) e com Andrés Zarankin e Emily Stovel de *Global Archaeological Theory* (New York, Springer, 2005), *Memories from Darkness*, arqueologia da repressão e resistência na América Latina (Springer, 2008), *Arqueologia do contato cultural e colonialismo na América espanhola e portuguesa* (Springer 2014), entre outras. Ex-secretário do Congresso Mundial de Arqueologia, ele está empenhado em promover o envolvimento arqueológico com a sociedade.

## **FORMAÇÃO ACADÊMICA DO PROF. DR. MÁRCIO MOITINHA:**

- Graduação e licenciatura em português-literaturas, na UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), em 1992;
- Graduação e licenciatura em português-latim, na UERJ, em 1993, por aproveitamento de estudos (1º. lugar);
- Graduação e licenciatura em português-grego, na UERJ, em 1999, por aproveitamento de estudos (1º. lugar);
- Especialização em língua portuguesa, na UERJ, em 1994 (Aprovado na seleção);
- Especialização em língua e literatura latinas, na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), em 1995 e 1996 (Aprovado na seleção);
- Especialização em língua latina, na UERJ, com enfoque na tradução de textos medievais, renascentistas e cristãos, em 2011 (Colocação: 1º. lugar);
- Mestrado em Letras Clássicas, pela USP (Universidade de São Paulo), sob orientação da professora Titular de Língua e de Literatura Latinas, Zelia de Almeida Cardoso, de 2002 a 2006. Tema da dissertação: A poesia pastoril: As Bucólicas, de Virgílio (Colocação na prova de seleção: 1º. lugar);
- Doutorado em Letras Clássicas, titulado pela USP, sob orientação do docente doutor, livre-docente e gramático, José Rodrigues Seabra Filho, de 2007 a maio de 2011. Título da tese: Epigramas renascentistas de Henrique Caiado: Estudo e Tradução dos Livros I e II (Colocação na prova de seleção: 1º. lugar);
- Pós-Doutorado em Letras Clássicas, pela USP (Universidade de São Paulo), sob a coordenação do Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho. Título da Tese: Silvae de Henrique Caiado: Estudo e Tradução.

## **EXPERIÊNCIA ACADÊMICA NA ÁREA DE ESTUDOS CLÁSSICOS:**

- Professor de Latim e de Filologia Românica da UNIG (Universidade de Nova Iguaçu), de 03/09/2001 a 10/06/2005;
- 1º. docente de latim eclesiástico e 2º, de grego koiné do Seminário São José de Niterói, de 11/03/2005 a 03/02/2010;
- Professor Auxiliar de Língua e Literatura Latinas, concursado pela UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Resultado final do Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro em 16/04/96 (Classificação: 1º. lugar);
- Professor Assistente de Língua e Literatura Latinas da UERJ, promoção em 2006;

- Professor Adjunto de Língua e Literatura Latinas da UERJ, promoção em maio de 2011;
- Professor Adjunto de Língua Latina da FFP, UERJ de São Gonçalo, aprovado em junho de 2015;
- Professor Adjunto, nível 04, de Língua e de Literatura Latinas da UERJ, promoção em 23 de novembro de 2021;
- Professor Associado de Língua e Literatura Latinas da UERJ, campus Maracanã, promovido, em maio de 2023;
- Professor Associado de Língua e Literatura Latinas da UERJ de São Gonçalo, (FFP/Faculdade de Formação de Professores), promovido, em maio de 2023;
- Parecerista *ad hoc* das Revistas Acadêmicas - Philologus (Cifefil), e Principia (do Departamento de Letras Clássicas da UERJ);
- Membro Efetivo da Cadeira nº. 24 da Academia Brasileira de Filologia (ABRAFIL).



## “SUPERPROF”

Considerado um super professor de língua latina, no site de aulas de línguas:  
<https://www.superprof.com.br/>

2º da lista com 45 avaliações sobre o meu trabalho como latinista da UERJ.

Whatsapp: (21) 9899-77763 para aulas particulares

E-mail: [marcioluizmoitinha@gmail.com](mailto:marcioluizmoitinha@gmail.com)

**Para conhecer mais o nosso site de latim, na área de  
Estudos Clássicos, e adquirir livros, acesse:**

<https://marciomoitinha.wixsite.com/website>



## **BUCOLICA**

Sicelides Musae, paulo maiora canamus:  
non omnis arbusta iuuant humilesque myricae;  
si canimus silvas, siluae sint consule dignae.  
Ultima Cumaei uenit iam carminis aetas;  
magnus ab integro saeculorum nascitur ordo.

## **BUCÓLICA**

Ó Musas da Sicília, cantemos um pouco maiores:  
Os arbustos e humildes tamarindos não agradam a todos;  
Se cantamos as selvas, as selvas sejam dignas de um cônsul.  
A última idade do canto de Cumas já veio;  
a grande ordem de séculos nasce de novo.

(Virg., Buc IV, vs 1-5)



ISBN 978-65-265-0938-8

